

**OUTRO MODELO DE IGREJA?
APROXIMAÇÕES ECLESIOLÓGICAS ENTRE FRANCISCO E COMBLIN
ANOTHER PATTERN OF CHURCH?
ECCLESIOLOGICAL APPROACHES BETWEEN FRANCIS AND COMBLIN**

*Alzirinha Souza**

Recebido em: 23/02/2024

Aprovado em: 06/06/2024

DOI: 10.57147/espacos.v32i01.911

Resumo

A história revela a Igreja, que se revela na história. Intrinsecamente ligadas, eclesiologia e história determinam os diferentes rostos de Igreja ao longo dos séculos. Em tempos de papa Francisco, podemos afirmar que dois itens marcam sua eclesiologia: o resgate da centralidade do pobre e o serviço que a Igreja lhe tem prestado não somente através do anúncio, mas de suas obras de caridade social. Ora, essa perspectiva, eminentemente evangélica e notadamente marcada pelo Concílio Vaticano II, apresenta a nosso ver diversos pontos coincidentes com a do teólogo belgo-brasileiro José Comblin. Essas duas chaves marcam não somente sua eclesiologia, mas, de um modo mais amplo, a compreensão que possui e desenvolve em sua teologia. Nesse sentido, este artigo se propõe a apresentar as práticas que revelam a forma de ser Igreja de Francisco e de Comblin, e suas aproximações e complementações.

Palavras-chave: Papa Francisco; José Comblin; Eclesiologia; Serviço; Pobre.

Abstract

History discloses the Church which is disclosed throughout History. Ecclesiology and History, intrinsically linked, they define the different faces of a church over the centuries. In times of Pope Francis, we can state that two items settle its ecclesiology: the rescue of the centrality of the poor and of the service the church renders not only by the announcement, but either by its social charity works. Thus, as per we present, such eminently evangelical perspective, and notably marked by Vatican Council II, it points out coincidences with the perspective of the Belgian-Brazilian theologian José Comblin. These two keys settle not only the ecclesiology, but in a larger perspective, also the comprehension he has and develops in his Theology. Therefore, this article aims to present the practices that disclose Francis' and Comblin's way of being Church, and their approaches and complementations.

Keywords: Pope Francis ; José Comblin ; Ecclesiology; Service; Poor.

* Leiga, Pós Doutora em Ciências da Religião, Doutora em Teologia. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCMinas e do ITESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4512-8847>. E-mail: ar.souza@itespteologia.com.br

Introdução

Nossa reflexão nasce da certeza e do desejo de sempre renovarmos nossa forma de “ser Igreja”, buscando implícita ou explicitamente, ao longo de sua nossa história, a dinâmica da sinodalidade. E o faremos à luz do pensamento, práxis e propostas do Papa Francisco e de José Comblin e, como cada um em seu momento histórico, pensou as bases para uma Igreja viva em proximidade com Evangelho, se transforme continuamente naquilo que foi chamada a ser: “in actu”, é dizer, situada na realidade, aberta ao diálogo, aberta ao mundo e em busca constante renovação para se configurar como comunidade que é sinal e testemunho de Jesus na história.

De seu lado, desde o primeiro dia em seu governo eclesiástico, o papa Francisco demonstrou uma mudança radical em relação a seus dois últimos antecessores. Nos primeiros momentos de sua apresentação no balcão da basílica de São Pedro, no Vaticano, chamou a atenção, além da simplicidade de sua vestimenta, o fato de ter afirmado que fora chamado a “ser o bispo de Roma”. Ao final emocionante do pedido da bênção do Povo de Deus sobre ele, nosso papa atual recupera em dez minutos três conceitos imediatos não somente do Vaticano II, mas sobretudo do Evangelho: primeiramente, a simplicidade e o serviço que deveria ser doravante realizado para o Povo de Deus e junto a ele, em especial aos pobres; também retoma a eclesiologia da fraternidade e da inclusão, bem como a necessidade da oração de seu povo, e adota, enfim, o nome do santo que, ao longo da história da Igreja, encarnou e lutou por esses ideais. Não foi por menos que Leonardo Boff afirmou àquela época: “Francisco não era um nome, mas um projeto de Igreja” (BOFF, 2013), projeto esse que vinha sendo desenhado em sua história de vida por sua formação jesuíta e revelado no desenvolvimento pastoral realizado nas periferias de Buenos Aires.

Os olhos da Igreja e dos teólogos do mundo inteiro se voltaram para entender e descobrir quem era aquele que veio “do fim do mundo” e aceitou colocar-se a serviço da Igreja universal. Não foram poucas as conjecturas que os que se julgavam entendidos de Vaticano e de suas redes emitiram naqueles primeiros instantes.

As ações de Francisco foram revelando a coerência de sua prática antes e depois de ser papa. São gestos simples e significativos que os não latino-americanos até hoje

tem dificuldade em sua compreensão. Em seu encontro com a imprensa mundial, ele exprime claramente seu desejo de que sonhar com uma Igreja pobre para os pobres resgata o respeito às diferentes crenças, demonstrando em suas ações a simplicidade de ser cristão no cotidiano da história. Reafirma seu desejo em sua primeira viagem internacional à ilha de Lampedusa, na Itália, para visitar os refugiados, confirmando em sua primeira saída do Estado do Vaticano a importância evangélica dos pobres em sua prática e realiza constantemente gestos de proximidade de todas as pessoas.

A expressão de seu desejo, proposição e prática é definitivamente realizada em documento eclesial na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium (EG)*, publicada em novembro de 2013. Ela me parece mais do que uma exortação: um programa de governo que recentra o Evangelho e o seguimento de Jesus na vida cristã. O estilo mais informal latino-americano privilegia a linguagem, e as questões ali tratadas são efetivamente as das realidades locais. Fazia muito tempo que a Igreja de Roma não se expressava tão proximamente do Povo de Deus. De fato, Francisco convida sua Igreja a *primeirar* no mundo, a sair ao encontro de seu povo, dando testemunho cristão.

Seu programa de governo exige a reconstrução de outro modelo de Igreja: a que se coloca no nível da história e se constrói a partir dela. Não há outro caminho que não seja tomar em consideração as diferentes culturas, as diferenças econômicas, a missionariedade da Igreja, a dimensão da ação social na Evangelização, tudo isso suportado pelo dinamismo do Espírito de Deus.

Em nossa opinião, o diferencial de Francisco é justamente não prevalecer em sua personalidade uma “teologia formal, epistemológica”, mas, sim, o pastor que sempre se dedicou a “cheirar suas ovelhas”, carregando-as em seus ombros. É dessa proximidade que nasce sua reflexão apresentada nas Audiências Gerais, que se deixa revelar não no discurso, mas nos improvisos de suas falas.

Por outro lado, queremos resgatar o modelo de Igreja apresentado e defendido por José Comblin. Ambos foram contemporâneos no que diz respeito aos períodos vividos na América Latina; logo, se não se encontraram fisicamente em algum momento (não temos elementos que comprovem esse encontro), cremos poder afirmar que se encontram certamente na forma de “ser Igreja” e em como “a Igreja deve ser”: próxima e a serviço do povo de Deus.

É nesse sentido que apresentamos neste artigo os elementos de aproximação entre as proposições de eclesiologia de Francisco e Comblin, e como a práxis eclesiológica do primeiro de alguma forma responde as demandas sonhadas pelo segundo a seu tempo. Para tanto, utilizaremos notadamente elementos da *Evangelii Gaudium* ao nos referirmos a Francisco, ao passo que para Comblin, utilizaremos elementos de nossa pesquisa sobre o autor, que revelam a essência de seu pensamento sobre o tema.

1. Elementos da Igreja de Francisco

Uma primeira característica notável de Francisco é pensar a Igreja eminentemente como composição de pessoas que existem e se constituem nela e através dela. Nesse sentido, a eclesiologia de Francisco se forma em interligação com a prática cristã. Em diversos trechos de seu texto, ele ressalta a forma como gostaria que a Igreja fosse: próxima, prática, em saída, acidentada, ferida mais por ter agido que por ter se mantido na falsa ideia de segurança que vem da apatia. Ao contrário, seguindo o conceito aristotélico, *pathos* está associado à emoção, assim como apela para a simpatia e imaginação do público. Uma forma comum de transmitir um apelo emocional é através de narrativa, de uma história que exiba lições abstratas ou de uma experiência concreta. Valores, crenças e compreensão do argumentador são implícitos e passados para o público através da história. Para Francisco, não existe possibilidade de uma *apathós*. Uma comunidade eclesial apática não pode ser considerada Igreja em sentido mais estrito.

A permanente conversão (ou as pastorais em permanente conversão) é a segunda exigência para ser Igreja no conceito do papa. O modo de ser e constituir-se como Igreja não pode permitir o esquecimento daquilo que a fundamenta em essência: a confissão de fé em um Deus Trindade e o impulso do Espírito Santo no decorrer da história para a continuidade do anúncio dessa fé (EG 25). Nesse sentido, pastoral missionária não se confunde em nenhuma hipótese com “simples administração”. Ser Igreja supera os espaços físicos. Quando ela os tem, eles devem estar situados na dinâmica do serviço do Evangelho e de sua causa. A Igreja se faz por seu mistério fundado no mistério trinitário, e não por seus belos edifícios e excelentes administradores.

A opção missionária da Igreja é sua marca por essência. Trata-se de uma missionariedade que permita o anúncio do Evangelho de forma concreta, inculturada, que leve em consideração as demandas pessoais e reais daqueles que buscam na pessoa de Jesus sua amizade e proximidade. O templo físico deve um espaço de viabilidade dessa proximidade. Para tanto, resta-nos a constante renovação do dinamismo de ser Igreja. As estruturas eclesiais de que se dispõe hoje, notadamente as estruturas paroquiais, devem rever-se constantemente para cumprir sua função de maneira eficaz: acolhimento de pessoas, anúncio e sinal concreto do testemunho de Jesus onde estão (EG 25-29).

É certo que a missão se encarna nas limitações humanas (EG 40). Nenhuma ação da Igreja pode realmente ser, se desconsiderada a possibilidade do limite, ou material, ou humana, ou cultural.

O limite cultural hoje talvez seja o mais evidente, ainda que, em nossa opinião, não seja o mais importante. A evidência se apresenta notadamente pelas rápidas mudanças de valores, de meios de comunicação e de secularismo que encontramos atualmente em todos os espaços públicos e privados. Os sistemas de comunicação virtual mudaram as formas de relacionamento das pessoas, que se encontram em processo de ressignificação. Amigos agora são virtuais, a forma de presença não exige mais a presença física, pacientes chegam a seus médicos não mais somente para ouvi-los, mas para, a partir de consultas ao “Dr. Google”, discutir seus diagnósticos. As seguranças tornaram-se inseguras ou, no dizer de Bauman, os tempos tornaram-se líquidos.

O limite material se dá necessariamente nas Igrejas locais situadas em áreas periféricas do globo; os limites periféricos são os que se apresentam nas periferias do mundo e sofrem diretamente com o limite material; contudo, o limite essencialmente humano é o mais importante, o mais representativo e o mais urgente a ser superado. Pessoas formadas adquirem condições de superação de qualquer limite material e cultural. Isso ocorre com formação adequada de aprofundamento da fé, de se colocar em atitude evangelizadora que desperte a adesão de coração à proximidade, ao amor e ao testemunho. (EG 42).

Desse movimento emergem pessoas capazes de exercitar seu “ser cristão” em comunidades que estão em constante discernimento de ações e direções que revelem, visivelmente, o sentido do Evangelho. São capazes de reconhecer a riqueza nas diferenças e o risco de muitas coincidências porque amam a Igreja, criticam o enrijecimento das estruturas e costumes que marcaram ao longo da história o distanciamento do Evangelho (EG 42). Por consciência de fé, buscam guardar e transparecer o núcleo do Evangelho, a saber: o exercício da caridade, da misericórdia, especialmente com os pobres. Por isso colocam o bem comum acima de seus interesses e motivações pessoais e de poder. Enfim, tornam-se uma Igreja de portas abertas, em saída, capaz de aceitar que pessoas venham, e que vai até as pessoas desejosas de dialogar e verificar na realidade do mundo os sinais dos tempos dos homens e os de Deus. Revela-se uma Igreja acolhedora como mãe de coração aberto (EG 46), que acolhe a todos os que a buscam. E nesse dinamismo todos – sem exceção – são chamados a entrar.

Contudo, alguns que se encontram em comunidade tendem a apoderar-se de seus afazeres e seus postos. Esquecem a razão última pela qual estão aí: a do serviço. Em meio a uma cultura e relações pessoais incertas, inconscientemente absolutizam suas atividades, distorcendo-lhes o sentido estrito de comum unidade de pessoas que se reúnem em torno de Cristo, o primeiro servidor. As tensionalidades das relações revelam-se também nas relações intraeclesiais. Francisco ressalta a necessidade de criar espaços de motivação e formação dos agentes de pastorais, transformando-os em lugares onde possam fortalecer sua fé e compartilhar suas questões mais profundas e preocupações cotidianas (EG 77). O trabalho em comunidade é conjunto e complementar quando colocado na perspectiva do seguimento de Jesus e na lógica do serviço. As mesmas dificuldades que podem afetar os leigos afetam os(as) religiosos(as) e sacerdotes, sobretudo porque a limitação humana não é dada de acordo com o *status* eclesial; ela é simplesmente humana (EG 102-104).

Todos podem ser afetados pelos três males a que se refere Francisco: o individualismo, uma crise de identidade e um declínio de fervor (EG 78). Eles podem levar ao relativismo da mensagem do Evangelho, à acédia egoísta revestida pelo individualismo excessivo e à preservação do espaço de autonomia, que leva, por sua

vez, a uma paralisação ou a um pragmatismo estéril da “vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas, na realidade, a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez” (EG 83). Enquanto isso, o Evangelho convida sempre a abraçar o risco do encontro com o outro, que constitui comum unidade de valores, da forma cristã de se relacionar e de ações que, convertidas em testemunho, gerem a esperança e motivem a caridade. Dirá Francisco de forma clara: “Precisamente nessa época, mesmo onde são um pequeno rebanho (Lc 12,32), os discípulos do Senhor são chamados a viver em comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).

Formar a comunidade em perspectiva missionária e de serviço propicia a cada um que nela se encontra a realização do serviço que é próprio de cada cristão: o anúncio do Evangelho. Realizá-lo a partir de cada experiência pessoal é o desafio da comunidade de fé. A experiência leva ao anúncio confirmado pelo testemunho, pela possibilidade visível de concretização desse na realidade. Por isso, não cabe desprezar a piedade popular que são efetivos lugares teológicos (EG 126) ou falar por cima da realidade e das demandas daqueles que procuram sua escuta. A renovação missionária passa pelo anúncio de pessoa a pessoa, escutado antes de ser pronunciado. Ser discípulo significa ter a disposição primeiramente de levar aos outros o amor de Jesus, e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, no caminho e inclusive em comunidade. (EG 127). Acrescentamos: abraçando aqueles que muitas vezes não têm acesso ou não se sentem parte das comunidades regulares e que são os destinatários primeiros da mensagem evangélica.

Nesse sentido, para Francisco, o processo de Evangelização engloba duas perspectivas marcantes que estão intimamente ligadas: a inclusão social dos pobres, e a paz e o diálogo social (EG 186-202). Gostaríamos de nos deter na primeira por uma razão que nos parece urgente e que não raro vemos esquecida ou eliminada dos discursos teológicos atuais (diferentes níveis). Talvez seja por isso que o papa escreve mais amplamente sobre esse tema (EG 185). Ora, se não temos claro, a partir do que anunciamos, quem são os principais destinatários de nosso anúncio, porque realizá-lo? O Evangelho de Jesus é um dos poucos casos em que o destinatário é determinado pelo

conteúdo da mensagem, razão pela qual nada dá o direito a seus anunciadores de excluir aqueles que foram prioritariamente incluídos.

Dentro dessa perspectiva, Francisco destaca a relação entre o Evangelho e a dimensão social da realidade: “Basta recorrer às Escrituras para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres” (EG 187). O primeiro gesto de Deus é social, não vai em direção a qualquer pessoa ou grupo, mas rumo a um grupo específico: o dos pobres. Por isso a Igreja se envolve com as causas sociais para o desenvolvimento integral dos pobres, desde os gestos mais simples e solidários aos que passam efetivamente pela demanda de transformação das estruturas. A solidariedade com eles deve refletir a melhora da qualidade de vida de todos. Por esse motivo, há alguns clamores que são reflexos de povos inteiros, que sofrem a ameaça da perda de seus direitos mais humanos (EG 188-190).

Nesse sentido a opção pelos pobres é um lugar teológico, e não somente cultural, sociológica ou política. A opção que a Igreja faz prioritariamente por eles é entendida como forma especial de primado de prática cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja. Ora, eles são os sinais dos tempos (*Stps*) presentes na história, que nos expressam o desejo de Deus: que a Igreja os ouça prioritariamente, pois sua existência é a impossibilidade da integração de suas dimensões humanas por sua situação social, ou seja, não é o desejado por Deus para sua criação. Francisco expressa de forma clara que, sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho (centro da atividade da Igreja) corre o risco de não ser compreendido ou de se perder nos inúmeros anúncios que recebemos do emaranhado de possibilidades de comunicação da vida moderna (EG199).

Finalmente, o papa destaca a ação do Espírito que impulsiona a forma de ser Igreja: que, realizando internamente a experiência do que se anuncia, ela se coloque em saída para o anúncio *parresíasta* de sua mensagem em todos os tempos e lugares, mesmo nas mais áridas realidades. O desafio de se colocar disponível, em comunidade, à dinâmica do Espírito, implica a aceitação, por parte de cada individualidade que a compõe, dos desafios dos tempos na busca da evangelização de todos os povos. (EG 261).

2. Elementos da Igreja de Comblin

Muitas vezes Comblin foi acusado de ser um crítico excessivo da Igreja. Uma de suas conferências mais comentadas pouco antes de sua morte foi *Igreja: crise ou esperança?*, pronunciada em março de 2010, na Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador, durante a celebração do 30.º aniversário de morte de D. Oscar Romero. Ora, aos olhos desatentos que não percebiam sua metodologia de pensar, construir e desconstruir, ele parecia um pessimista. Foi acusado abertamente de não amar a Igreja por aqueles que não o conheciam ou não sabiam que a crítica é própria do amor, contrariamente à aceitação passiva de tudo. Seguramente, seu jeito belga de ser, sua timidez pessoal e sua não timidez ao apresentar suas ideias de forma tão realista, passaram a impressão de amargura e pessimismo.

Comblin era sobretudo um profeta e um visionário de espírito livre que buscava, a partir do Evangelho, libertar os que o cercavam. Liberdade é uma das palavras-chave de seu pensamento, igualmente expressada em sua forma de viver. Sua liberdade era marcada pela simplicidade e desapego aprendidos na convivência com os pobres do Nordeste brasileiro e por sua profundidade espiritual e moral. Contrariando os olhos alheios, afirmaria Comblin ao seu amigo e cardeal de Bruxelas Joseph Sunnens: “*O senhor sabe que eu não desejo outra coisa que servir à Igreja e aos Bispos. Mas me falta às vezes um pouco de habilidade*” (ARQUIVES MALLINES-BRUXELLES, 1968).

Profetas e visionários têm pressa e coragem. Certamente, por terem a capacidade e dom de verem mais além do que os demais, preveem a urgência das necessidades e dos novos rumos a tomar. É o que Agamben denominaria de contemporâneo. Em muitos temas, Comblin se apresentava dessa forma. Quando todos estavam pensando ainda em determinado tema, indo em um sentido, ele estava em sentido contrário. A forte percepção que tinha da realidade dava-lhe certezas de novos caminhos a seguir. Infelizmente, muitos de seus críticos não compreenderam essa percepção.

Em relação a sua percepção eclesiológica, não era diferente. Sua experiência vivida na Igreja europeia e na latino-americana conferia-lhe a amplitude da percepção de formas distintas de se constituir em comunidade. Não por acaso, uma das razões que

dava para sua vinda à América Latina era o reconhecimento de que a Igreja de Pio XII entrara em declínio pastoral. Unindo experiência e sagacidade, bem como antropologia e Evangelho, Comblin inicia nos anos 1960 sua reflexão sobre as questões da Igreja em sua obra *Échec de l'action catholique?*¹, ainda que de forma bastante “europeia”², a qual permeará continuamente sua produção teológica.

2.1. Os dois “modelos” de Igreja

Utilizamos o termo “modelo” para separar as duas leituras feitas sobre a forma de presença da Igreja no mundo³, as quais chamaremos aqui de modelo “romano” e “outro modelo”. Para a constituição de ambos, Comblin parte da perspectiva de como cada um se relaciona com o mundo.

No modelo “romano”, a atitude diante do mundo é de condenação e oposição. A tradição dos papas Pios, inaugurada por Pio IX, foi de radicalidade contra a evolução do Ocidente nos séculos XIX e XX. Esses papas buscavam recuperar o sentido da cristandade por forças culturais e políticas dominantes no Ocidente. Esses olham para a desintegração da consciência religiosa, buscando “fora” suas razões, a qual poderia ocorrer desde a Reforma Protestante à modernidade, passando pelo Vaticano II. São muitas as razões que se buscam para o desmoronamento da cristandade, entendida como os vários períodos em que a Igreja se coloca acima da realidade, havendo, por isso, várias “cristandades” para nosso autor (COMBLIN, 1986). Especialmente nos anos 1960, inicia-se uma etapa desse desmoronamento, marcada por um processo de crítica sistemática a todas as instituições de base da sociedade: família, escolas, universidades,

¹ COMBLIN, J. *Échec de l'action catholique?* Paris: Ed. Universitaires, 1961. Ainda que Comblin tenha escrito uma série de artigos, que foram posteriormente compilados na obra COMBLIN, J. *Os sinais dos tempos e a Evangelização*. São Paulo: Duas Cidades, 1968, consideramos a primeira como a mais estruturada para a análise de sua eclesiologia.

² Destacamos essa perspectiva “europeia” porque, em nossa análise, Comblin inicia a integração em seu pensamento de sua experiência europeia e latino-americana a partir de 1965, quando inicia seu trabalho no Recife.

³ Considerando, em nossa visão, que Comblin trabalha os diferentes temas em sua obra a partir de uma perspectiva evolutiva, tomamos por base para este texto principalmente sua obra póstuma *O Espírito Santo na tradição de Jesus*, por acreditarmos ser a mais amadurecida de seu pensamento, sem naturalmente excluir outros textos.

Estado e instituições religiosas. Mas, segundo Comblin, “a Igreja nunca assumiu essas mudanças” (COMBLIN, 2007, 37).

Ora, nesse modelo de Igreja, deseja-se o futuro apontando para uma repetição do passado, de modo que ela se feche em si mesma sem fazer concessões à realidade que, a seus olhos, está em decadência completa. Assim sendo, não há no mundo espaço para Deus ou para o “religioso verdadeiro”; logo, ele não durará. Nesse contexto, evitar a realidade, lutar contra o relativismo para guardar sua posição no mundo, tudo isso se torna a meta e o desafio da Igreja. Para tanto, são necessários membros sólidos que encontrem seu caminho somente retornando ao passado do modelo tridentino da Igreja, que sejam apegados às formas rígidas e à situação do poder social e econômico.

A presença pastoral assume a forma de invasão, de penetração cultural unilateral, recebida passivamente por católicos sem defesa, aos quais se impõem um ritmo, modos de atuar, formas, usos, linguagens que não têm nenhum vínculo com a cultura ou com sua realidade (COMBLIN, 1965, 8). Sem querer admitir a mudança no mundo e a perda da influência da Igreja na vida concreta das pessoas, pensa em se estabelecer na sociedade não mais pela novidade evangélica, mas pela imposição (COMBLIN, 2012, 40).

Nesse movimento, esse modelo não permite perceber que não foram as massas que abandonaram a Igreja, mas a Igreja que as abandonou ao insistir em uma postura atemporal, que não permite a transmissão do Evangelho de maneira contextualizada, de modo que se possa dizer algo concreto à vida de pessoas concretas. O abandono das massas pela Igreja não é uma novidade e ocorreu em outras épocas históricas. G. Morel cita a resposta que Corbon, o trabalhador que chegou a senador em 1877, deu ao monsenhor Dupanloup: “Monsenhor, nós os deixamos hoje porque, depois de tantos séculos, vocês nos deixaram. Entendo que, depois de séculos, deixaram nossa causa temporal, exercitando, inclusive, sua influência mais para impedir que para favorecer nossa redenção social” (MOREL, 1968, 22). Ora, lembra Comblin que, somente em 1929, Pio XI reconheceu aos trabalhadores cristãos o direito de formar sindicatos e participar das lutas sociais.

De outra parte, o *outro modelo de Igreja* propõe a volta à simplicidade das origens. É um projeto que, situado no presente da história, se abre à realidade e aos

imprevistos do mundo e que, por isso, toca as pessoas e suas vidas concretas. Nele se encontram os que aceitam o desafio de viver o Evangelho no mundo atual como nas primeiras comunidades e de se fazer presença no mundo não pelo poder, mas pelo serviço humilde aos pobres da sociedade.

São eles os que acreditam que esse é o futuro que Deus deseja para sua Igreja, e não o modelo de cristandade conquistadora do mundo. São as pequenas minorias, mas seus testemunhos estimulam os demais a viverem de outra forma, a trabalharem para a construção de uma sociedade onde a compaixão pelos mais frágeis seja o principal valor. Vivem em comunidades abertas com todos os que são atraídos pelo Evangelho e por isso dão credibilidade à Igreja. Não se organizam dentro de um modelo rígido porque estão vinculados à história, que é mutante. A única constante é que esses católicos não julgam, não impõem, não querem o poder em si para sua Igreja e por isso vislumbram um futuro melhor que o presente e o passado.

2.2. As críticas à Instituição

Construir o futuro a partir de uma nova perspectiva exige escutar as críticas que foram impostas à Igreja a partir dos anos 1960. Comblin se centra especialmente em quatro questões: a paróquia, a burocracia, a formação de leigos e a formação de religiosos.

Em primeiro lugar, encontra-se a dificuldade com as estruturas paroquiais⁴. São qualificadas como representações obsoletas que, em vez de preparar cristãos para sair a evangelizar, se fecham em si mesmas, organizando-se em torno dos sacramentos e festas litúrgicas, sem assumir a realidade na qual estão situadas.

As paróquias não estão a serviço de si próprias, o que justifica a necessidade urgente de sua descentralização não para a formação de novos movimentos, mas para a formação de novas comunidades de diferentes níveis adaptados à realidade de cada

⁴ Sobre o mesmo tema, podemos citar: MOLTSMANN, J. *L'Église dans la force de l'Esprit: une contribution à l'Écclésiologie messianique*. Paris: Cerf, 1980. Em especial, o capítulo VI.

paróquia. Não por acaso, o Documento de Aparecida (DAP)⁵ aborda esse tema como caminho possível para a verdadeira evangelização da mesma forma que critica as estruturas caducas, propondo uma rede de comunidades. Comblin vai destacar:

Por exemplo, quase sempre a paróquia católica foi estabelecida e vive dentro dos cânones de uma cultura classe média. Desse modo, ainda que os pobres possam ser a maioria dos que frequentam a paróquia, esta não os assume, não os respeita, menos ainda promove sua cultura. A diferença cultural é tão forte que muitas vezes os pobres realmente nunca pisam em uma Igreja paroquial a não ser por obrigação (COMBLIN, 1965, 8)

Trata-se de pequenos grupos reunidos em torno de obras comuns, suportados pela Eucaristia, sinal de unidade com Cristo. Para essa demanda, será recuperado o conceito das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em seu modelo inicial: comunidades inseridas e comprometidas com o meio popular, integradas em uma pastoral urbana, e não pastoral paroquial. Organizada em função de seu próprio crescimento, e não da realidade, a paróquia jamais será missionária.

Em segundo lugar, vem a necessidade de desburocratização da Igreja. A burocracia que se sobrepõe ao serviço tem por finalidade a manutenção do poder e desvirtua a Igreja de sua essência evangelizadora. Recorda Comblin que Charles Maurras, fundador do movimento de direita chamado *L'action française* (e que era agnóstico), um dia declarou que felicitava a Igreja romana, pois ela havia sido capaz de purificar o cristianismo do perigoso fermento do Evangelho. Afirma Comblin: “Existem casos em que de fato a burocracia eclesiástica serve para evitar que o fermento perigoso do Evangelho possa penetrar” (COMBLIN, 2007, 46).

Em terceiro lugar, está a necessidade de descentralização e mudança na formação, que deverá ser feita não mais no nível da catequese infantil apenas, mas principalmente na formação dos adultos. O modelo de formação infantil que se apresenta hoje pode ser muito eficiente, mas não há continuidade na adolescência e na vida adulta, o que acaba por formar *adultos cristãos infantilizados*, aqueles que sabem do cristianismo apenas o

⁵ CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007, 170-172. (Doravante citado pela sigla DAP).

que lhes foi ensinado quando crianças. Daí a prioridade na formação de adultos, em especial dos que estão nas paróquias, de forma a motivar neles o trabalho missionário. Esse é, a seus olhos, o desafio prioritário, ao lado da formação de ministros preparados para acolher e dar suporte aos formados. Dirá Comblin: “Todos os cristãos necessitam de uma formação evangélica profunda, de diversos níveis. Os evangélicos entenderam muito e têm uma larga tradição nesse sentido” (COMBLIN, 2012, 43). Sem formação sólida, os leigos não podem compreender e expressar no mundo o anúncio evangelizador que ficará perdido, o que explica a urgência de Comblin ao afirmar: “Se quisermos evangelizar o mundo, precisamos tomar como prioridade a formação de leigos em todos os ambientes” (COMBLIN, 2007, 56). É por essa razão que, a aproximadamente 30 anos de sua morte, centra todos os seus esforços na formação de leigos missionários no Nordeste brasileiro, fundando as Escolas de Formação de Base.

O quarto ponto, ainda na linha instrutiva, consiste na formação sacerdotal e religiosa, enfatizando-se a necessidade de voltar a situá-los na realidade. A formação do clero leva à constituição de um grupo situado em uma subcultura própria: suas vidas são as mesmas, independentemente da cultura em que se situam. Não estando em contato com nenhuma outra cultura, jamais realizarão uma evangelização transformadora. Afirma Comblin: “De tanto andar por cima de todas as culturas, não compreende nenhuma e não se sente à vontade em nenhuma delas” (COMBLIN, 1993, 922). O clero monopoliza todos os poderes e manda de modo absoluto, unicamente porque foi enviado pelo bispo, sem que os leigos possam intervir em nada. Sua formação não os prepara para estarem no meio do mundo dando testemunho do Evangelho, mas para serem administradores. E ainda hoje essa forma é, ao menos “inconscientemente”, praticada em muitas escolas e casas de formação.

2.3. O serviço da evangelização como resposta à modernidade

O *outro projeto* de Igreja deseja o fim da cristandade em sentido *combliniano* porque propõe uma nova postura diante do mundo: a do serviço. O serviço é a base de um futuro distinto do presente, marcado pelas palavras *descentralização* e *mudança*.

Ora, isso significa dizer que a evangelização e a pastoral não podem continuar sendo realizadas a partir de uma posição de poder. O problema está em conseguir evangelizar sem o poder, a partir de relações de igualdade entre os seres humanos, que são efetivamente iguais. Essa mudança seria a resposta às críticas que se impuseram à Igreja desde os anos 1960, às quais a própria Igreja se fechou. Afirma Comblin:

Hoje em dia, a estratégia em coordenar a nova cultura não tem mais apoio de uma classe de camponeses, porque os camponeses foram para as cidades e os que ainda ficam estão em contato permanente com a cultura urbana mediante a TV. João Paulo II proclamou que os agentes da nova evangelização seriam os chamados movimentos, isto é: Opus Dei, Legionários de Cristo, Focolarinos, Comunhão e Libertação e outros semelhantes. Estes constituiriam uma tropa de choque, mas sem a massa para seguir. É uma base muito estreita para fundar uma nova cristandade (COMBLIN, 2007, 45).

A tarefa da Igreja hoje é, então, anunciar o Evangelho a todos os seres humanos sem imposição de forças, ao mesmo tempo que a teologia não será apologética, mas simplesmente um serviço prestado de tradução do Evangelho à vida concreta das pessoas. Evangelizar é provocar a iluminação dos corações e mentes não pela força da instituição, mas pela revelação divina que se manifestou na pessoa de Jesus (COMBLIN, 2007, 51). Contudo, não se trata de eliminar ritos, celebrações, organização. Trata-se, antes, de fazer com que as instituições ajudem efetivamente a introduzir o Evangelho na vida das pessoas.

O testemunho cristão e o testemunho da Igreja: base pneumatológica

O caminho para o anúncio do Evangelho como serviço é o Espírito. É sob a guia d'Ele que se realiza a Evangelização humanizada, aquela que conduz ao testemunho. Isso significa que as condições pressupostas para tal, mesmo antes da ação de evangelizar, são para Comblin: pureza de coração e oração. A forma de chegar à primeira é o exercício da segunda. É justamente quando a Igreja se coloca em oração e, por conseguinte, se purifica das paixões humanas, preconceitos culturais ou iniciativas que não são naturais ou espontâneas, que o Espírito se manifesta, a comanda e a corrige.

É ele que está sempre pronto a inspirar os cristãos ao apostolado, desde que eles estejam abertos a sua inspiração.

A ação da Igreja não depende de esforços humanos. A centralidade deles pode ser a causa de resultados inferiores aos esperados, os quais se convertem em ações restritas ou, mais grave ainda, em um insuflar de ações que não resultam em um legítimo testemunho, uma vez que não estão verdadeiramente em linha com a dinâmica do Espírito.

Ora, para Comblin, foi justamente a negligência da Igreja em relação à ação do Espírito que a levou a este falso dilema: evangelizar ou humanizar? A situação, ao menos na teoria, está resolvida, mas hoje em dia ainda existem movimentos de evangelização que podem resultar nessa dicotomia.

A compreensão da evangelização separada da humanização, da vida concreta das pessoas, é a de que ela é o simples anúncio de uma mensagem que, sem relação com o mundo, se transformará em uma doutrina. Essa não será nunca a Palavra de Jesus. É, quando muito, um conjunto de fórmulas que servirão para anunciar o Evangelho como proposição de fragmentos de uma civilização passada. Ela traz em si uma forma de humanização através da imposição de uma cultura de origem que não tem nenhuma relação com seus receptores.

Por outro lado, pode-se dizer o mesmo da humanização sem evangelização. Ela se traduz em uma proposição feita aos homens sem a consideração de Deus, ou seja, em uma salvação realizada através e por esforços de humanos. É a demonstração de que o homem pode humanizar-se sem o Evangelho. É o anúncio de um novo Evangelho da Salvação sem Deus (COMBLIN, 1961a, 111).

A função da Igreja

Contra essa dicotomia, está o testemunho da revelação de Deus na vida concreta das pessoas, que deve ser dado pela Igreja. É pelo testemunho que a revelação de Deus se encarna e oferece um sentido à vida que está no mundo. Ela não é proposta simplesmente por uma palavra, mas pode salvar a vida humana através da mudança na forma de vivê-la, assim como da mudança de sentido que a ilumina por completo. O

testemunho é um carisma privilegiado do Espírito e constitutivo da Igreja: é um carisma de fundação da Igreja entre os povos. Por essa razão, é uma palavra encarnada no mundo, que o toca e oferece a possibilidade de transformá-lo.

As condições do autêntico testemunho

Uma ação temporal dos cristãos não é um testemunho. Dependendo de como se considera, ela pode ser às vezes uma condição necessária ou, em algum caso, obstáculo ao testemunho. Não são poucos os contratestemunhos dados em Igreja. Logo, professar a fé cristã em condições cotidianas não é ainda um testemunho; é, quando muito, um ato cristão, um ato minoritário. A função do testemunho requer outra coisa que somente o Espírito é capaz de sugerir (COMBLIN, 1961a, 121).

Nesse sentido, para que a palavra se transforme em testemunho, é necessário que ela incomode, penetre nas vidas humanas a ponto de romper sua indiferença e provocar uma reação de rejeição ou não. É necessário que toque verdadeiramente a vida das pessoas, suas preocupações, seus problemas, suas vontades; que se instale em suas vidas, dentro de suas mentalidades, para poder assumi-las em público e por todos os públicos. Consequentemente, é necessário que a palavra atravesse as fronteiras das paróquias, dos movimentos, das instituições, e penetre no mundo no mais puro sentido joanino: até o final da Terra (COMBLIN, 1961a, 123).

Por fim, o desafio principal para a realização da Igreja encontra-se em realizar o anúncio da mensagem de Jesus a partir da perspectiva do serviço, dentro do modelo de *outro projeto*, de maneira que este se torne efetivamente vínculo de transformação, de ação que é testemunho, revelando em si mesmo a ação do Espírito, essência da Igreja.

Conclusão

Neste texto quisemos demonstrar elementos de aproximação entre a perspectiva eclesiológica de Francisco e a de José Comblin. Chama-nos especialmente a atenção, apesar da distância temporal entre a *EG* (2013) e os diversos textos de Comblin (inclusive de diferentes épocas de sua produção teológica), o fato de que eles

apresentam, cada um a seu modo, temas coincidentes que revelam seu “sonho de ser Igreja” e como hoje a práxis de Francisco responde a muitas questões levantadas por Comblin.

Ambos, “Filhos do Concílio Vaticano II”, que ressignifica de maneira especial a categoria da história, os dois autores expressam sua eclesiologia a partir dela. Considerando sua práxis pastoral de Francisco e a guinada hermenêutica de Comblin, podemos dizer que ambos são “nativos conciliares”, é dizer, abraçam diretamente as diretrizes conciliares. Se mostram *parrasiastas* ao afirmarem que é necessário sentir o cheiro das ovelhas (no dizer de Francisco) e realizar a proximidade pela categoria do serviço, impulsionado pelo Espírito (segundo Comblin). Por isso, ante tantos pontos de convergência, cremos que o essencial e comum entre ambas as perspectivas está na insistência da encarnação do Evangelho na história.

Sem o exercício de *historicização* do Evangelho, vãs são nossa fé, nossa filosofia, e nossa vida. Fechando-se em si mesma, a Igreja será a primeira a dar contratestemunho da mensagem e da prática de Jesus, que se confrontou com as questões concretas de seu tempo e ali realizou seu testemunho. Ao longo da história da Igreja, as duas perspectivas eclesiológicas (a *romana* e o *outro projeto*) se apresentam de maneira mais efetiva. Ora a Igreja se coloca sob os ventos do Espírito, ora se coloca em ventos contrários.

A questão eclesiológica subsequente que nos cabe aprofundar de maneira constante e sobre a qual convém refletir teologicamente é: sob qual posição do vento encarna com mais intensidade a mensagem de Jesus na história? Na Igreja representada pelo vento do poder ou da liberdade? Na que respeita a ação de Deus na história pela mão do Espírito e do Filho ou na que se reduz à ação humana? Fica a proposição de escolha.

Referências bibliográficas

- ARCHIVES MALLINES-BRUXELLES. *Carta José Comblin*, 24/06/1968. Mallines (Bélgica): Centre Archives de Mallines-Bruxelles.
- BOFF, L. *O papa Francisco chamado a restaurar sua Igreja*. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/03/14/o-papa-francisco-chamado-a-restaurar-a-igreja>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- COMBLIN, J. *Le témoignage et l'Esprit*. Paris: Ed. Universitaires, 1961.
- _____, *Échec de l'action catholique?* Paris: Ed. Universitaires, 1961.
- _____, *Os sinais dos tempos e a Evangelização*. São Paulo: Duas Cidades, 1968.
- _____, *Teología de la revolución*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1973.
- _____, *Tiempo de acción*: ensayo sobre el Espíritu y la historia. Lima: CEP, 1986.
- _____, *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.
- _____, La cultura de los pobres. *Revista Pastoral Popular* 195 (1965), pp. 02-12.
- _____, As grandes incertezas na Igreja atual. *REB* 265 (2007), pp. 36-58.
- _____, Se a Igreja não mudar o modelo, será abandonada pelas massas. *REB* 212 (1993), pp. 916-923.
- MOREL, G. *Problèmes actuels de la religion*. Paris: Aubier, 1968.
- MOLTMANN, J. *L'Église dans la force de l'Esprit*: une contribution à l'Écclésiologie messianique. Paris: Cerf, 1980.
- PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.